



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

Um estudo fenomenológico de turismo¹

Letícia Bartoszeck Nitsche²

Universidade Federal do Paraná, acadêmica

Resumo

A visão fenomenológica de se considerar o sentido do fenômeno, muitas vezes obscurecido pelos fatos em si, é recente em pesquisas de turismo. O presente artigo tem como objetivo discutir a fenomenologia como um enfoque metodológico para estudar efeitos do turismo no âmbito dos habitantes locais de destinos turísticos. As reflexões partem dos estudos fenomenológicos oriundos da geografia humanista (com base em Helph 1979, Buttimer 1976 e Kozel 2001) e do turismo (Panosso Netto 2005) e se correlacionam à aplicação do método envolvendo moradores rurais integrantes de um roteiro turístico na Região Metropolitana de Curitiba. Os resultados revelam o significado do turismo incorporado de forma harmônica em transformações do mundo vivido destas pessoas, tratando-se de aspectos subjetivos que necessitam de uma abordagem qualitativa, como a trazida pela fenomenologia.

Palavras-chave: turismo; fenomenologia; mundo vivido; moradores locais.

Introdução

As transformações que o turismo vem causando nas comunidades mais tradicionais despertam questionamentos sobre a validade dos seus efeitos nas culturas locais. A busca por métodos de pesquisa que abarquem a subjetividade destas relações, motivou a realização de um estudo de caso³ (NITSCHKE, 2007) de base fenomenológica sobre o roteiro turístico “Caminhos de Guajuvira”, localizado no Distrito de Guajuvira, em Araucária/PR, na Região Metropolitana de Curitiba – RMC.

A movimentação turística vem propiciando uma nova dinâmica à organização espacial da área de estudo (Distrito de Guajuvira e de comunidades próximas), principalmente no que

¹ Trabalho apresentado ao GT – Outras Interfaces do IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo.

² Bel. em Turismo /UFPR, 1997; Esp. em Planejamento e Gestão do Turismo /UFPR, 2000; Mestre em Geografia /UFPR, 2007. Instrutora de Turismo em projetos de capacitação comunitária. Endereço eletrônico: let@ufpr.br

³ Dissertação de mestrado, orientada pela Prof^a Dr^a Salette Kozel, do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPR, Curitiba, 2007.



concerne ao espaço de vivência dos moradores e inclusive daqueles que integram o roteiro turístico e recebem visitantes diretamente em suas casas.

A perspectiva fenomenológica permite explorar situações, valores e práticas com base na visão de mundo dos moradores rurais como os próprios sujeitos da pesquisa. Evidencia-se então, a necessidade de uma pesquisa que se sustente no saber destes indivíduos, requerendo a postura fenomenológica que trate de descrever, compreender e interpretar os fenômenos ligados ao turismo que se apresentam à percepção.

Assim, considerou-se o olhar do morador, tendo em vista o turismo como um novo elemento no seu ambiente de vivência, convergindo as pesquisas para analisar o significado do turismo para estas pessoas.

A abordagem fenomenológica empreendida teve inspiração na fenomenologia adotada pela Geografia, iniciada a partir da década de 1970, gerando mais tarde os estudos de percepção ambiental com a utilização de técnicas como os mapas mentais⁴.

A pesquisa também teve como referência estudos de turismo vinculados à fenomenologia, tendo como principal contribuição o trabalho de Panosso Netto (2005), o qual destaca a importância de se considerar a base filosófica da fenomenologia para as pesquisas em turismo.

O estudo de caso se desenvolveu na interface do Turismo e da Geografia com fio condutor na fenomenologia, articulando este referencial teórico à observação participante do pesquisador no local, aliada a uma técnica de mapas mentais e de entrevistas com visitantes, as quais não foram abordadas neste artigo, pois merecem atenção específica.

A observação participante propiciou uma relação mais estreita com as pessoas do lugar, oportunizando conversas diversas com os moradores, participação em eventos locais e acompanhamento das visitas turísticas.

O presente artigo tem o objetivo de enfatizar a abordagem fenomenológica utilizada nesta pesquisa e apresentar alguns dos resultados alcançados.

1. Noções fenomenológicas

⁴ Aporte metodológico proveniente da Geografia das Representações, caracterizado pela representação gráfica, onde o indivíduo expressa de forma figurada a sua relação com o ambiente, produzindo algo similar a um desenho.



A fenomenologia surge como uma crítica ao positivismo da ciência formal, sobretudo à psicologia que gozava de grande prestígio no final do século XIX e tendia a converter-se na chave de explicação da teoria do conhecimento e da lógica, sobrepondo-se à filosofia. Edmund Husserl inicia este movimento de pensamento, opondo-se ao naturalismo e ao objetivismo de uma ciência pretensiosa de ser a única forma de descrever o mundo na sua verdadeira realidade.

Para o fenomenólogo, não interessa a análise desta ou daquela norma moral, porém compreender por que esta ou aquela norma são normas morais e não, por exemplo, normas jurídicas ou regras de comportamento. Da mesma forma, o fenomenólogo não se interessará (ou pelo menos, não se interessará principalmente) em examinar os ritos e os hinos desta ou daquela religião; ao contrário, ele se interessará por compreender o que é a religiosidade, ou seja, o que transforma ritos e hinos tão diferentes em ritos e hinos religiosos (REALE; ANTISERI, 1990, p. 554).

Colocar o conhecimento em questão é o ‘primeiro grau de consideração fenomenológica’ proposto por Husserl (2000) em ‘A Idéia da Fenomenologia’, onde foram publicadas suas 5 lições sobre o método fenomenológico, pronunciadas em 1907. Ao questionar a validade de todo o saber, faz uma crítica às premissas do conhecimento científico, encontrando a resposta na fenomenologia: “O método da crítica do conhecimento é o fenomenológico; a fenomenologia é a doutrina universal das essências, em que se integra a ciência da essência do conhecimento” (HUSSERL, 2000, p. 22).

A fenomenologia questiona o conhecimento baseado em critérios positivistas e passa a valorizar aquilo que está por trás do que aparece em forma de dados e fatos. O que aparece é o fenômeno, composto por coisas como objetos. A fenomenologia busca o sentido do fenômeno, ou seja, a sua essência revelada pelos objetos. Como captar esta essência? Retornando *as coisas mesmas* e descrevendo os modos típicos que os objetos se apresentam à consciência, mas para tal, é necessário descobrir o seu significado por meio da forma como eles são vivenciados.

Assim, o “método fenomenológico se mostra eficaz pela sua capacidade de remontar até às origens dos fenômenos e, portanto, não só descrevê-los na sua manifestação exterior, mas também evidenciar as fontes que os produziram. É o ser humano que deve ser investigado como produtor das manifestações que foram observadas” (BELLO, 1998, p. 12)



Pela fenomenologia, passa-se a vislumbrar que *as coisas* são apenas representações de essências, portanto “A palavra de ordem da fenomenologia é a do retorno às próprias coisas” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 554), para então descobrirmos as suas essências.

Nas palavras de Husserl (2000, p. 32) “as coisas simplesmente existem e, no intuir verdadeiramente evidente existem na consciência, e o ver centra-se simplesmente nelas”. Então o que vemos, são as coisas, as quais remetem suas essências, captadas pela consciência.

O termo ‘essência’ pode ser entendido como ‘sentido’. Assim, a capacidade de intuição permite apreender, isto é, captar o sentido das coisas. Para facilitar a compreensão deste *apreender*, Bello (2004, p. 80) utiliza o exemplo apresentado por Husserl em *Idéias I*:

Se ficarmos calados, o que nós ouvimos? O que estamos escutando? Um barulho de máquina. Todos percebemos qual era o barulho? Sim, todos ouvimos o barulho. E nós sabemos o que é imediatamente este barulho? Captamos imediatamente a essência do barulho? Sim, nós conseguimos captar a essência do som, neste barulho. Esse é um barulho, mas também um som e nós sabemos também distinguir, logo, imediatamente intuímos o sentido do som. Da mesma forma, se nós fechamos os olhos e depois os abrimos, vemos a luz, captamos imediatamente o sentido da luz.

Observa-se que intuir a essência se difere de perceber o fato em si, ou seja, ela se refere ao sentido atribuído ao fato, sendo capaz de identificá-lo. “A fenomenologia não é ciência de fatos, e sim ciência de essências” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 554)

A essência é aquilo que traduz o ser como tal na impossibilidade de ser outra coisa que o que é, ou conforme um exemplo de Dartigues (2005, p. 20), identifica um triângulo como triângulo inscrito em qualquer quadro-negro do mundo, independentemente das circunstâncias em que ele apareça.

Reale e Antiseri (1990, p. 555) exemplificam: “Como podemos dizer que este é ato de simpatia, aquele gesto de ira, este outro comportamento desesperado ou aquele outro ainda comportamento de santidade se não houvesse precisamente essências, ou seja, idéias essenciais, de simpatia, de ira, de desespero ou de santidade?”.

Para atingir a essência do fenômeno deve-se efetuar o ‘segundo grau de consideração fenomenológica’ apresentado por Husserl (2000, p. 23), que é o processo de redução fenomenológica ou *Epoché*, afim de que a investigação se ocupe apenas das operações realizadas pela consciência. Nela, tira-se a existência factual, permanecendo a essência (redução à essência). A existência fica de lado, ou na linguagem husserliana, é colocada ‘entre parênteses’, para que a essência fique em evidência.



Em geral, é preciso suspender o juízo de toda a existência efetiva do mundo exterior para o pesquisador retornar à consciência e ver nela a essência dos objetos.

Este processo só é possível quando se busca o significado destes objetos na vivência. “De modo genial Husserl descobriu a origem das várias maneiras de pensar o mundo nas ‘experiências vivenciais’, isto é, nas formas em que se configuram interiormente tais experiências. Não se trata por certo de uma produção do tipo idealista, mas do estudo da forma em que a realidade é percebida” (BELLO, 1998, p. 12).

A experiência pretendida por Husserl é esta experiência de caráter perceptivo (BELLO, 2004, p. 88):

Para introduzir a posição de Husserl a respeito, façamos um “experimento” semelhante ao anterior. Tomemos um copo: o que nós estamos fazendo agora? Estamos vendo um copo. Qual sentido utilizamos para isso? A visão. E eu que estou tomando o copo nas mãos, qual o sentido que eu estou utilizando? Dois: o tato e a visão. Eu estou utilizando as duas sensações: do tato e da vista. Nós nos damos conta de ver o copo? Sim. Temos consciência de ver o copo? Sim, pois nós estamos refletindo acerca do fato de que temos consciência do fato de vermos o copo. Vocês vêem apenas o copo? Vocês têm consciência das outras coisas que estão aqui a nossa volta, mas a reflexão, nesse momento, para onde vai? Somente na direção do copo. Quando nós vemos e tocamos o copo e temos consciência disso, o que nós estamos vivendo? A sensação de tocar e do ver: ou seja, nós estamos percebendo o copo. Esse *ter percepção* é vivido por nós, nós estamos vivendo a percepção. O *ter percepção* é vivido. Então, nós nos damos conta de perceber. E o que é esse perceber? Esse perceber é o fato de que estamos vivendo uma sensação: *estamos vivendo*.

Utilizando o termo alemão, perceber é um *Erlebnis*; *Leb* indica vida, *leben* significa viver e *er* é uma espécie de reforço que significa: estou vivendo *exatamente isso* nesse momento (BELLO, 2004, p.88). Remete-se a sensação de estar vivendo *isso* e corresponde ao registro da sensação, da qual se tem consciência.

Apesar de se ter consciência de ver ou tocar em algo, na maior parte do tempo o indivíduo não se dá conta da experiência de viver estas sensações ou de estar refletindo sobre elas. Neste caso não ocorre o *Erlebnis*, pois isto dependeria da intenção de fazê-lo, ou seja, da intencionalidade da consciência.

Na fenomenologia, admite-se que os objetos são visados pelos atos intencionais da consciência, já que toda consciência é consciência de alguma coisa. Assim sendo, a consciência não é uma substância, mas uma atividade constituída por atos como percepção, imaginação etc.



Retomando o exemplo do copo, podemos dizer que ele em si não é uma vivência (*Erlebnis*), pois ele simplesmente existe (existência) e está fora da pessoa. Mas o copo enquanto percebido é uma vivência (enquanto percebido, não enquanto existência). O copo *existente* está fora da pessoa; o *copo enquanto percebido* está dentro dela. Ele passa a fazer parte da vivência quando é percebido, quando o perceber é dirigido para o copo, tende para o copo de forma intencional.

Dartigues (2005, p. 26) reforça que “A tarefa efetiva da fenomenologia será pois, analisar as vivências intencionais da consciência para perceber como aí se produz o sentido dos fenômenos, o sentido desse fenômeno global que se chama mundo”.

2. A fenomenologia na geografia: uma perspectiva humanista

Quando a fenomenologia passa a ser incorporada pela geografia a partir da década de 1970, inicia-se o surgimento de uma perspectiva humanista para a geografia. Edward Relph foi um pioneiro na discussão sobre o uso do método fenomenológico pela geografia, enfatizando sua importância para renovar a disciplina.

A fenomenologia despertou o interesse de geógrafos que estudavam os temas culturais, ressaltando a importância de se estudar os aspectos do mundo vivido, que por alguns autores passa a receber um recorte geográfico de ‘espaço vivido’.

Considera-se aqui o conceito de mundo vivido concebido por Husserl (apud Kozel, 2001, p. 146) como o “conjunto de coisas, valores, bens e mitos inerentes a um mundo subjetivo”.

Ao pesquisar o mundo vivido, verifica-se que sua complexidade é extrema, conforme alerta Relph (1979, p. 04) “o mundo-vivido não é absolutamente obvio, e os seus significados não se apresentam por si mesmos, mas têm de ser descobertos”. Para desvendá-lo sem destruir a complexidade dos seus significados, o autor apresenta o ‘método fenomenológico’ como a melhor opção, pois este varia de acordo com a situação estudada, já que se trata do que é experienciado no mundo vivido e cada vivência é diferente da outra.

Anne Buttimer (1982) encontrou na fenomenologia uma filosofia para balizar o fazer geográfico, discutindo amplamente os aspectos do mundo vivido, especialmente em seu artigo ‘Apreendendo o dinamismo do mundo vivido’ de 1976, publicado em português em 1982 (*in*



Christofoletti). A autora também transmite a idéia de intersubjetividade, alertando que a fenomenologia não se restringe apenas no modo subjetivo de conhecimento que descarta qualquer relação com o modo objetivo, mas reconhece a validade de ambos apresentando uma terceira opção:

Enquanto o modo subjetivo concentra-se na experiência individual única, e o modo objetivo procura a generalização e proposições testáveis acerca da experiência humana agregada, o modo ‘intersubjetivo’ ou modo fenomenológico esforçar-se-ia para elucidar um diálogo entre pessoas individuais e a ‘subjetividade’ do seu mundo (BUTTNER, 1982, p. 175).

Desta forma, ao adotar uma atitude intersubjetiva para esta pesquisa, não houve a pretensão de se obter uma verdade absoluta calcada na generalização das informações coletadas pelo pesquisador como sujeito considerando a comunidade como objeto.

A fenomenologia não segue um padrão que permita repetir experimentos e encontrar os mesmos resultados, sendo que a intenção do método é descrever, não explicar os fenômenos da experiência imediata. Para tal, antes de tudo é necessário reconhecer a complexidade e ambigüidade do fenômeno, ao invés de procurar simplificá-lo e resolvê-lo, pois não é preciso ser universal para ter significado.

3. A fenomenologia no turismo

Com o intuito de situarmos a fenomenologia nos estudos de turismo, faz-se necessário contextualizar o andamento destes estudos, mencionando alguns pontos fundamentais.

3.1 Aspectos teóricos do turismo

Na bibliografia sobre o turismo encontram-se autores que tratam do turismo vinculado às mais diversas áreas de estudo, economia, administração, direito, filosofia, sociologia, psicologia, antropologia, meio ambiente, comunicação, arquitetura, geografia, entre outras.

No sentido de construir as bases teóricas para uma ciência do turismo, já que é unânime a posição de que o turismo ainda não possui *status* de ciência, o paradigma atual que



explica este complexo fenômeno está pautado no Sistema de Turismo, proveniente da Teoria Geral de Sistemas.

Panosso Netto (2005, p. 153-159) aponta nove autores que iniciaram esta abordagem do turismo, dentre eles o brasileiro Mario Carlos Beni, a partir dos estudos desenvolvidos na sua tese de doutorado de 1988, publicou posteriormente a obra “Análise Estrutural do Turismo” em 1998; o italiano Alberto Sessa na década de 1980; o mexicano Roberto C. Boullón em 1995; e o australiano Neil Leiper em 1971, este último “um dos primeiros a propor a teoria de sistemas aplicadas ao turismo”. Outros 16 autores aperfeiçoaram as abordagens sistêmicas já existentes, como o mexicano Miguel Acerenza em 2002; o inglês Chris Cooper em 1993; o egípcio Salah-Eldin Wahab (abordagem sistêmica com enfoque econômico) em 1977; entre outros citados pelo autor.

Assim, o enfoque sistêmico descreve a complexidade do turismo, porém existem outras abordagens também identificadas por Panosso Netto (2005) com base na visão holística-interdisciplinar (Jafar Jafari), economista interdisciplinar (John Tribe) e economista, bem como outra visão que apesar de sistêmica diferencia-se das demais por envolver o cotidiano humano de trabalho, moradia e lazer (Jost Krippendorf).

Há que se destacar ainda estudiosos brasileiros como Marutschka Moesch (2000), que propõe a dialética para fundamentar um corpo teórico para o turismo, Luiz Gonzaga Godoi Trigo (1998) que trata o turismo como fenômeno da pós-modernidade e Mirian Rejowski (1996) com suas pesquisas que corroboram com a interdisciplinaridade.

No ramo destas outras abordagens fora do enfoque sistêmico, surgem as propostas relacionadas à fenomenologia nos estudos turísticos, com o intuito de resgatar o homem como sujeito do turismo.

3.2 Fenomenologia aplicada ao turismo

Moesch (2000) na busca da construção de um corpo teórico para uma epistemologia do turismo discute o funcionalismo a partir de Luiz Fernández Fuster (1974) e a fenomenologia de Centeno⁵. Face às limitações do funcionalismo que resultaram num exaustivo trabalho descritivo-explicativo de Fuster, a autora debate a proposta fenomenológica de Centeno adaptada das ciências sociais e conclui que a tentativa de ir além das aparências do fenômeno turístico não avança, pois a mesma não é suficiente para abarcar

⁵ CENTENO, Rogelio Rocha. Metodología de la investigación aplicada al turismo casos prácticos. Mexico: Trilhas, 1992.



sua complexidade e tratá-lo como objeto de conhecimento. Diante disto, Moesch descarta a fenomenologia e propõe a dialética como referencial para formar um corpo teórico para o turismo.

Molina (2003) também faz referência à fenomenologia para o estudo do turismo, acreditando ser esta uma alternativa de abordagem que proporciona um sentido mais humano para o desenvolvimento da atividade. Porém, sua principal teoria é a do *pós-turismo*, descrevendo a fase atual em que o turismo se encontra, depois dos estágios antecessores do *pré-turismo* e *turismo*.

Os estudos de Alexandre Panosso Netto (2005) propõem a reflexão filosófica da fenomenologia para os estudos turísticos e demonstram a importância dos mesmos através de estudo de caso no Parque Nacional do Iguaçu (PR). Ao tratar o tema com profundidade revela que existem poucos trabalhos combinando aplicações práticas da abordagem fenomenológica no turismo, apontando apenas dois casos, além da sua pesquisa:

- INGRAM⁶, 2002. Estudo fenomenológico sobre as motivações dos turistas que visitam uma fazenda de turismo rural, no oeste da Austrália.
- MARIOLI⁷, 2002. Dissertação de mestrado sobre ecoturismo no Parque Estadual da Cantareira/SP.

Panosso Netto (2005, p. 137, 138) apresenta a fenomenologia como uma abordagem para o estudo do turismo, visto que é uma análise capaz de conduzir o ser humano como principal sujeito, e não o turismo apenas “como um *fato* gerador de renda, mas também como um *fenômeno* que envolve inúmeras facetas do existir humano”.

O autor valoriza a importância da experiência vivida e a percepção do sujeito do turismo, pois “a fenomenologia vai trabalhar para compreender o viver de acordo com o percebido por quem faz parte deste viver” (*idem, ibidem*, p.114)

As contribuições da fenomenologia para uma epistemologia do turismo também são vislumbradas:

⁶ INGRAM, Gloria. Motivations of farm tourism hosts and guests in the South West Tapestry Region, Western Australia: a phenomenological study. *The Indo-Pacific Journal of Phenomenology*. v. 2, apr. 2002, p. 1-12.

⁷ MARIOLI, Antoine Pascal. Ecoturismo em unidades de conservação: o método fenomenológico aplicado ao Parque Estadual da Cantareira – São Paulo. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo).



[...] não podemos nos empenhar pela criação de uma ciência exata do Turismo (Turismologia ou Teorologia) que tenha alto grau de confiabilidade. O que ocorre é que devemos trabalhar para alcançar e lançar as bases de uma teoria para a formação de uma ciência que procure entender os anseios dos ser humano e os seus significados durante o fenômeno turístico em si, e acreditamos que a fenomenologia, como demonstrada, contribui para colimar esse objetivo” (*Idem, Ibidem*, p. 142)

De acordo com a posição fenomenológica de resgatar o ser humano como centro de análise, Panosso Netto tem sua análise centrada na experiência de viagem do turista. A pesquisa do Distrito do Guajuvira também focou o ser humano como centro do debate, porém no morador empreendedor de turismo que recebe toda a influência da atividade no seu ambiente de vivência.

4. A Fenomenologia na pesquisa do roteiro “Caminhos de Guajuvira”

O roteiro “Caminhos de Guajuvira” foi implantado no Distrito de Guajuvira e comunidades próximas a partir de março de 2004 e já vinha sendo planejado desde 2001 pela Prefeitura Municipal de Araucária. Ele é constituído por 5 propriedades rurais familiares, além da Igreja, Horto Florestal e central de informações turísticas.

Esta comunidade caracteriza-se pelo seu modo de vida simples, vinculado a pequena propriedade agrícola, onde a cultura polonesa está presente no modo de falar, ser e fazer das pessoas através da arquitetura, comidas típicas, religião e organização da propriedade.

Já que o turismo faz parte do mundo vivido destas famílias rurais, este estudo fenomenológico preocupou-se em descobrir qual o sentido deste fato para as pessoas, porém sem ater-se ao fato em si.

Ao aplicar neste estudo de caso o primeiro passo do método fenomenológico defendido por Husserl, definiu-se que a redução fenomenológica (Epoché) deve ocorrer com tudo aquilo que envolve a estrutura e serviços necessários para esta atividade acontecer, sintetizado como *fato turístico*. Assim sendo, não se teve como foco a qualidade dos serviços, a renda gerada, as condições da infra-estrutura, a certificação dos produtos vendidos, a estratégia de marketing, entre outros elementos, mas interessou o sentido do *fato* na localidade, ou seja, o valor dele para as pessoas que moram no lugar e tem suas vidas envolvidas neste processo.

Que significado o turismo evoca nestes mundos particulares?



Para Husserl, a existência é um fato óbvio e não o interessa. Neste estudo de caso, não há a intenção de negar a existência ou considerar estes elementos menos importantes, mas colocá-los de lado momentaneamente, a fim de clarificar seu sentido (essência) para o lugar, realizando assim a *redução à essência*.

A partir daí, pode-se retornar ao fato turístico e reorganizá-lo com base no contexto de um mundo vivido, de acordo com aquilo que é percebido/vivido (*erlebnis*) como essência deste fenômeno turístico.

O enfoque proporcionado pela fenomenologia de oposição ao positivismo, e de não encará-la como uma ciência exata se constituiu no cerne deste trabalho. Assim, não se adequaram metodologias convencionais quantitativas baseadas em estatísticas de turismo coletadas por questionários fechados. No entanto, não houve a intenção de desmerecer a importância destes métodos como ferramentas essenciais para analisar diversos outros aspectos da atividade turística.

Entende-se que o método fenomenológico depende mais de uma atitude do pesquisador, não havendo um modelo de pesquisa a ser seguido, tal como é apontado por Panosso Netto (2005, p. 140), quando salienta que os dois estudos fenomenológicos de turismo destacados por ele utilizaram técnicas diferentes daquelas da sua pesquisa.

4.1 A Observação Participante

Seguindo estes princípios foi realizada a observação participante, onde o “observador participante coleta dados através de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda” (BECKER, 1997, p. 47). Assim, o pesquisador desempenhou o papel de perceber o ambiente e fazer contato com as pessoas da localidade, com o propósito de compreender o significado do turismo para elas.

A técnica de observação participante já vinha ocorrendo de forma espontânea (2004 e início de 2005) na identificação do problema e depois foi concretizada através de procedimentos mais sistematizados (2005 e 2006), propiciando uma relação menos formal com as pessoas do lugar, abrangendo o universo de análise das 5 famílias integrantes do roteiro.

O método ocorreu durante conversas diversas, eventos técnicos, cursos de capacitação em turismo em que membros destas famílias participaram, no acompanhamento de visitas



turísticas, entre outros contatos rotineiros. Considerou-se também o *locus* de vida materializado na propriedade, já que as transformações no mundo vivido destas pessoas tem eco na maneira de organizarem seu espaço.

Como resultados detectou-se a presença expressiva da atividade turística na propriedade, seja pela presença do próprio turista e do ônibus da linha ‘turismo rural’, seja pelos produtos comercializados ou pelo modo como ela é reorganizada e preparada para receber estes visitantes.

O discurso e as práticas observadas confirmaram uma mudança de hábitos relacionada à rotina que antes se limitava ao trabalho no campo, evidenciando uma dedicação para atender o turista e oferecer-lhe novos conhecimentos, mas também adquirir experiências diferentes proporcionadas por este contato com pessoas de fora que trazem outra cultura.

Notou-se que as famílias rurais preservam alguns espaços longe da circulação turística, como a própria casa de moradia, evitando também que esta atividade invada e modifique certas características bem particulares da sua cultura.

Os resultados demonstram que o turismo trouxe modificações ao mundo vivido destes moradores e revelou-se através das seguintes idéias:

- Reverte-se em ganhos monetários, tanto manifestado de forma explícita pelo discurso, como indiretamente através dos produtos comercializados e organização dos ambientes de comércio.
- Está ligado à melhoria da auto-estima do morador do campo em relação ao seu modo de vida: tem orgulho em apresentar-se para o visitante; manifesta interesse em capacitar-se através de cursos e eventos.
- Além do ônibus, a idéia de turismo tem como sinônimo os elementos humanos dos turistas que transitam pela propriedade;
- Por estar inserido junto à família rural e ao trabalho árduo no campo, o turismo passa a valorizar a cultura destes moradores e a resgatar deles antigos hábitos;
- A presença do turista e sua atitude de apreciar o lugar agregam novos valores na relação dos moradores com seu espaço.

Foi possível constatar que o turismo vem ocorrendo numa relação harmônica com estes moradores e sua cultura, já que não foram detectadas expressões de descontentamento em relação à atividade.



A observação de que o significado do turismo para os moradores participantes do roteiro está intrinsecamente ligado à idéia de mudança pode soar muitas vezes como uma ameaça à identidade cultural destas pessoas.

Entretanto, ao se considerar também os outros dois procedimentos de investigação realizados neste estudo de caso, baseados na percepção dos moradores através de mapas mentais e dos visitantes por meio de entrevistas, foi possível constatar que estas mudanças são entendidas sob a concepção que elucida a cultura como um processo dinâmico, renovado constantemente (HALL, 2005; BANDUCCI JR.; BARRETTO, 2001), revelando a possibilidade de que novas identificações culturais possam estar se formando entre os moradores do “Caminhos de Guajuvira”, por intermédio do intercâmbio cultural com o visitante.

Assim, as transformações verificadas no espaço de vivência destas pessoas não se constituem necessariamente na substituição de valores, mas na articulação entre eles, já que a autenticidade local vem sendo conservada e revalorizada.

Considerações Finais

Diante dos rumos que nortearam o desenvolvimento do trabalho, destaca-se a necessidade de se lançar “um olhar mais humano para o turismo”, visto o tom impessoal com que o ser humano (da comunidade receptora ou o turista) muitas vezes é tratado em estudos que se preocupam eminentemente com os fatos.

Neste contexto que visa a valorização do ser humano como principal sujeito da atividade, o presente trabalho propõe a abordagem do “mundo vivido” como uma opção para estudos turísticos ligados a comunidades mais tradicionais.

Assim como a geografia adotou aportes humanísticos provenientes da fenomenologia, o turismo também pode se privilegiar desta perspectiva que valoriza as ações humanas, o sentimento e a percepção de mundo de cada um.

Os resultados detectados no estudo de caso mostraram que o turismo pode modificar o cotidiano dos habitantes, sem que estes percam necessariamente suas características mais autênticas, revertendo inclusive para a valorização da cultura local.



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

Enfim, o estudo sob o enfoque interdisciplinar entre o turismo e a geografia interligados por uma perspectiva fenomenológica mostrou que a abordagem sob um olhar mais humano é possível e enriquece as análises e reflexões na perspectiva do Turismo.

Referências

- BANDUCCI JÚNIOR. Turismo e Antropologia no Brasil: estudo preliminar. In: BANDUCCI JÚNIOR; BARRETO, M. (orgs.). **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. Campinas, SP: Papirus, 2001 (Coleção Turismo). p. 21-47.
- BARRETO, M. **Turismo e legado cultural**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2001.
- BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BELLO, A. A. **Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica**. Bauru: EDUSC, 1998.
- BELLO, A. A. **Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião**. Organização e Tradução, Miguel Mahfoud e Marina Massimi. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- BUTTNER, A. **Apreendendo o dinamismo do mundo vivido**. In: Christofletti, A. As perspectivas da geografia. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 165-193.
- DARTIGUES, A. **O que é a fenomenologia?** São Paulo: Centauro, 2005.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HUSSERL, E. **A idéia da fenomenologia**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000. (Escritos de Husserl de 1907).
- KOZEL TEIXEIRA, S. **Imagens e linguagens do Geográfico: Curitiba a “Capital ecológica”**. São Paulo: FFLCH-USP, 2001 (tese de doutorado)
- MOESCH, M. A produção do saber turístico. São Paulo: Contexto, 2000.
- MOLINA, S. O Pós-turismo. São Paulo: Aleph, 2003.
- NITSCHKE, L. B. *O significado do turismo no roteiro “Caminhos de Guajuvira”*, Araucária/PR. (Dissertação de Mestrado - PPG Geografia). Curitiba: UFPR, 2007.
- PANOSSO NETTO, A. **Filosofia e Turismo**. Aleph, 2005.
- REALE, G.; ANTISERI, D. Edmund Russerl e o movimento fenomenológico. In: _____ **História da Filosofia**. V. 3. São Paulo: EP, 1990.
- RELPH, E. C. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, v. 4, n. 7, abril,1979, p. 1-25.